

Transcrição de Entrevista de Jean-Claude Guedon - Universidade de Montreal/Canadá, produzida durante o " Simpósio Internacional de Políticas Públicas para Acervos Digitais", realizado em São Paulo, entre 26 e 29 de Abril de 2010.

POR RODRIGO M. GARCIA (EQUIPE OA-USP) –21 DE JUNHO DE 2011

Acervos Digitais

"A análise tradicional de documentos é insuficiente e incompleta no sentido de que os documentos são tratados essencialmente como ferramentas, instrumentos, e são usados de forma passiva, o que acredito ser uma pequena parte da questão. A análise que proponho é aceitar seriamente a ideia de que há uma sociologia de pessoas, obviamente, tivemos isso por muito tempo, mas também uma sociologia de máquinas e uma sociologia dos documentos. Vou deixar a sociologia das pessoas de lado considerando que todos saibam, mais ou menos, o que isso envolve. Vamos dar uma olhada na sociologia das máquinas, então vemos algo diferente. vemos que, pela maneira como as máquinas estão organizadas, por exemplo nas cadeias de produção ou, no caso dos computadores, nas redes criadas para se comunicarem uns com os outros, vemos que há variações, que há diferentes possibilidades. Por exemplo, no caso das redes, algumas não são verdadeiramente redes. São centros em forma de pirâmide, com terminais. Mas há também as redes verdadeiras. Existem muitas redes. Existem muitos tipos de configurações possíveis, o que nos permite pensar em termos de uma sociologia das máquinas. E, em termos de documentos, há associações entre documentos. Aliás, por documento quero dizer uma extensão do texto incluindo vídeo, som, imagens, software. Há associações entre documentos que podem ser organizadas por várias agências como uma biblioteca. Uma biblioteca organizada por justaposição de livros, por exemplo, em prateleiras, e isso cria uma sociologia de livros, porque quando você pega um desses livros, você fica tentado a olhar o livro ao lado dele e começa a explorar esses livros de acordo com a lógica dessas prateleiras que fazem você olhar para elas. O GOOGLE faz a mesma coisa para nós. O Google, buscando entre muitos documentos digitais, nos fornece listas de documentos, com proximidades e esses documentos podem parecer uma possível família de documentos, um grupo de documentos. Só que, no caso do Google, não sabemos como foi feito, então, de certa forma, estamos olhando o mundo de uma nova forma, por dispositivos, vamos dizer de criação de comunidades de documentos que podem afetar nossa construção de significado e, no final, temos uma visão de mundo que foi, na verdade, criada por um algoritmo do Google. Então são esses os problemas que surgem nessa questão de documentos, máquinas e pessoas. O conhecimento não é de ninguém. Fundamentalmente, o conhecimento não pode ser possuído por ninguém, porque se o conhecimento fosse possuído por alguém não seria possível construir sobre ele. E se fosse construir sobre ele, cairia nas condições daqueles que dizem possui-lo. Então a maneira mais eficiente de fazer o

conhecimento viver, crescer e se desenvolver, alegando, na verdade, afirmando, que o conhecimento é de todo mundo. Todos deveriam estar nessa. É por isso que regularmente se fala de "república da ciência" e não "monarquia da ciência" ou "oligopólio da ciência". Temos que restaurar as condições para uma verdadeira república da ciência em nível mundial. Acho que países como Brasil, Índia, China, Rússia e África do Sul têm um grande papel em começar a criar alternativas em qualidade científica para forçar os centros atuais a entender que a ciência não pode ser desenvolvida sob o monopólio de algumas pessoas. É preciso entender que é um mundo multipolar, com vários interesses, orientações diferentes, e, no entanto, estão todos se saindo muito bem. O que o sistema do Google livro faz é, na minha visão, algo extremamente perverso, porque o que o Google está fazendo é oferecer a ideia de dar a todos acesso a milhares de livros que estão, de fato, espalhados e escondidos em todos os lugares. Isso, devo dizer, é verdade, mas é muito limitado. O que estão realmente atrás é do que um engenheiro disse, uma vez um autor, cujo nome não lembro agora, disse: "digitalizamos todos esses documentos não para as pessoas lerem, mas para as máquinas lerem. Novamente, documentos, máquinas e pessoas. E o resultado disso é que o plano do Google está bem claro. O Google quer levar todo o texto impresso para o mundo digital, nos dar uma cópia como "presente" e reservar para si mesmo todo o potencial algorítmico, todas as coisas que a máquina pode fazer quando lê documentos. Como fazer para ter documentos de alta qualidade, com uma participação que não limita ninguém, com um simples sistema de debates entre as pessoas. É a maior democracia, na verdade. É o mesmo raciocínio que diz que temos as melhores escolhas políticas por uma democracia, também está por trás do projeto da Wikipédia. Antes de chegarmos ao nível utópico de uma Wikipédia em bom funcionamento, vamos ter que passar por vários passos. A rede é uma verdadeira revolução. Está certo em mencionar o capitalismo. Vai além do capitalismo. Acho que vai até o fundo da ideia do que é um indivíduo, dizendo que visões tradicionalistas de individualismo vindas da religião, do catolicismo, ou do comunismo soviético, a individualização da totalidade, sabe? A sociedade de um lado e Deus do outro, de onde originam indivíduos. No capitalismo, há uma teoria do individualismo que é como um átomo. Cada indivíduo pode ficar sozinho, completamente separado dos outros, em uma autarquia, um ideal totalmente autossuficiente. Então, pode começar a lidar com o outro nessa separação radical, fundamental e total uns dos outros. Acho que estamos indo da teoria da rede para uma terceira visão de indivíduo, que gosto de chamar de "indivíduo fonêmico", para usar a imagem de um fonema, em Linguística. O fonema é uma entidade muito interessante, porque parece um átomo, cada fonema é diferente, só que é um átomo que existe apenas para demonstrar sua diferença em relação a outros átomos. Nós vivemos pelo princípio da distinção e não pela existência antológica absoluta. Nós nos entendemos, a ponto de compartilharmos coisas e acreditamos que inovamos a ponto de nos distinguirmos dos outros, mas de forma que não parecemos completamente malucos. Porque se você inovar de maneira radical, as pessoas simplesmente não vão compreendê-lo e vão considerá-lo maluco. Então, você tem essa margem de manobra interessante, entre existência e relacionamento, que é parte dessa filosofia de redes, e há essa nova individualidade surgindo, que gosto de chamar de "individualidade fonêmica." Isso é uma revolução. Se isso acontecer, se todas as sociedades começarem a se organizar, de maneira completa e consciente, com redes e "individualidades fonêmicas", terão leis e sistemas bem diferentes do que temos agora. Isso se chama revolução.

